

MUSEU DAS CAVALHADAS: ACERVO DE IMAGENS E NARRATIVAS SOBRE UMA REPRESENTAÇÃO MEDIEVAL NO CERRADO

João Guilherme da Trindade Curado
Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Pirenópolis
Grupo de Pesquisa Saberes e Sabores Goianos
Ciranda da Arte
Doutor em Geografia IESA/UFG
Agência Financiadora: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (Fapeg)¹

Célia Fátima de Pina
Museu das Cavalhadas
Graduada em Tecnologia em Gestão de Turismo UEG/Pirenópolis

RESUMO: Na cidade de Pirenópolis/GO, são encenadas, pelo menos, desde 1826, as Cavalhadas, uma representação das históricas lutas entre Mouros e Cristãos que tiveram por campo de batalhas a Europa Medieval. Em Goiás, a encenação das Cavalhadas acontece em várias cidades, mas talvez tenha sido em Pirenópolis que o enredo tenha melhor se adaptado ao Cerrado, uma vez que a trama se inicia com a descoberta e morte do espião mouro em território cristão, sendo a espia representada por uma onça. As Cavalhadas são bastante frequentadas pelos pirenopolinos, e os Cavaleiros Mouros e Cristãos se tornaram ícones da cultura local, o que faz com que este espetáculo reconduza a momentos históricos outros, trajetória esta que será o foco da investigação. Com quase dois séculos, as Cavalhadas de Pirenópolis vêm passando por significativas alterações nas últimas cinco décadas, desde a questão da recorrência, das vestimentas e dos adereços até a espacialidade utilizada para encenação, mas que não tem descaracterizado o enredo que remete ao “Ciclo de Carlos Magno”. São imagens e narrativas que se propõem investigar, a partir de referenciais sobre as Cavalhadas em Pirenópolis e, principalmente, pela análise do acervo documental e visual do Museu das Cavalhadas, o primeiro a abordar esta temática no Brasil e que foi fundado na casa de dois ex-cavaleiros.

Palavras-chave: Museu das Cavalhadas, Pirenópolis, Festa do Divino

ABSTRACT: In the city of Pirenópolis/GO, it is staged at least since 1826, the Cavalhadas, a representation of the historical struggles between Moors and Christians who had by battlefield the Medieval Europe. In Goiás, the staging of Cavalhadas happens in several cities, but perhaps in Pirenópolis the plot has best adapted to the Cerrado, once the play begins with the discovery and death of Moorish spy on Christian territory, being a spy represented by an ounce. The Cavalhadas are quite accessible to pirenopolinos, and the Moors and Christians Knights have become icons of local culture, what makes this spectacle renew its other historical moments, making this path the focus of the investigation. With almost two centuries, Cavalhadas of Pirenópolis have undergone significant changes over the last five decades, from the question of

¹ Projeto de pesquisa: Artes e saberes nas manifestações católicas populares – Chamada Pública 005/2012.

recurrence, of the clothing and adornments to the spatiality used for staging, but that has not mischaracterized the play which refers to the "Cycle of Charles Magne ". They are images and narratives that propose to investigate, from references on Cavalhadas in Pirenópolis and especially for the examination of documentary and visual collection of the Museum of Cavalhadas, the first to address this issue in Brazil, which was founded in the two-house former riders.

Keywords: Museum of Cavalhadas Pirenópolis, Divine Festival

Pirenópolis surge em 1727 na busca pelo ouro às margens do Rio das Almas (JAYME, 1971). Conforme o referido autor a denominação de Minas de Nossa Senhora do Rosário de Meia Ponte advém da prerrogativa de homenagear os santos católicos do dia mais próximo à chegada.

De tal modo a toponímia local foi designada, mas outras ordens deveriam ser obedecidas para a constituição de uma comunidade: a ereção de uma capela Matriz, cujo orago deveria render homenagens à padroeira, sendo no mesmo Largo levantada também uma Casa de Câmara e Cadeia. O Largo deveria ainda ter comunicação com o manancial aurífero e ser o centro irradiador da povoação em formação.

Considerando estas premissas baseadas na aliança entre Estado (Coroa Portuguesa) e a Igreja Católica, implantou-se a continuidade de uma política de poder instituída pela noção de Império Cristão, que segundo Flori “Carlos Magno exalta e revivifica” (2013: 35).

A partir da exaltação, das vivências e das experiências pirenopolinas com uma de suas manifestações culturais mais conhecidas na atualidade, as Cavalhadas, é que propomos investigação sobre esta representação medieval que ocorre no Cerrado: as Cavalhadas em Pirenópolis, tendo como componente principal de estudo o Museu das Cavalhadas, o único destinado a esta temática no Brasil — mesmo que as Cavalhadas sejam representadas em mais de quinze das Unidades Federativas do país.

Pretende-se desenvolver uma breve narrativa sobre as Cavalhadas, basicamente a partir do acervo de imagens e de objetos expostos no Museu das Cavalhadas que, além disso, conta a história de vida de Maria Eunice Pereira e Pina, a fundadora do Museu e mãe de dois ex-cavaleiros que participou cada um, por mais de vinte e cinco anos das encenações das Cavalhadas em Pirenópolis.

As Cavalhadas em Pirenópolis

A notícia primeira conhecida sobre as Cavalhadas em Pirenópolis advém das pesquisas de Jayme (1971) ao publicar *Esboço Histórico de Pirenópolis*, obra pioneira no que se refere à história pirenopolina, escrita a partir de intensa pesquisa documental. O autor, ao aludir às Cavalhadas, data a ocorrência da primeira encenação em 14 de maio de 1826, segundo o autor:

Padre Manuel Amâncio da Luz. Promoveu a primeira Cavalhada. Foi esse festeiro que mandou fazer, de prata, a belíssima coroa do Divino e ofereceu à Matriz. Introduziu a distribuição de verônicas de alfenim e pãesinhos ao povo. Foi uma festa que teve larga repercussão (JAYME, 1971:611).

Destacamos na narrativa proposta por Jayme a indicação de que a festa teve “larga repercussão”, o que é evidenciado pelos novos elementos inseridos ao contexto festivo, como a coroa que passou a ser uma insígnia utilizada pelo Imperador ou festeiro do Divino, cargo escolhido por sorteio a cada ano. A coroa contribui para a ampliação da pompa e relação com a nobreza, tanto da tradição europeia, como a recém-implantada no Brasil.

No aspecto gastronômico, menciona a distribuição de verônicas, doce em forma de medalhão feito a partir da base da massa de alfenim, muito utilizado pelos árabes e posteriormente pelos portugueses a partir dos intensos contatos travados na Península Ibérica medieval.

Quanto às Cavalhadas, vale ressaltar que outras localidades realizavam esta encenação festiva durante as comemorações de Pentecostes, mesmo anterior a Pirenópolis, então Meia Ponte. A título de exemplificação há o relato do viajante francês Auguste de Saint-Hilaire quando em sua passagem por Goiás, mas especificamente por Santa Luzia, atual Luziânia — localizada na Região do Entorno de Brasília. Narrou o viajante sobre o ano de 1819:

Acabava de ser realizada em Santa Luzia a festa de Pentecoste. Todos os fazendeiros das redondezas estavam reunidos no arraial, e no momento em que cheguei à praça pública ia ser realizada uma cavalhada [...] Havia sido traçado na praça, com pó branco, um grande quadrado, à volta do qual se enfileiravam os espectadores, de pé ou sentados em bancos. Os cavaleiros vestiam o uniforme da milícia. Traziam na cabeça um capacete de papelão e seus cavalos estavam enfeitados de fitas. Eles limitavam-se a galopar pela praça em várias direções (SAINT-HILAIRE, 1975:24).

Distinta indicação de Cavalhadas nos foi deixada em relatos do austríaco Johann Emanuel Pohl, que em visita à Vila Boa de Goiás, atual Cidade de Goiás, antiga capital, durante as comemorações da Semana Santa, também do ano de 1819, contribuiu para indicar que as Cavalhadas se estendiam ao calendário festivo, não se limitando apenas a Pentecostes.

Fora da cidade, ao ar livre, representava-se uma comédia de Carlos Magno, na qual os papéis femininos eram desempenhados por homens. O traje é realmente luxuoso, em geral veludo, guarnecido de ouro puro. As joias, de boa vontade cedidas por empréstimo, rebrilham à luz do dia. Com notável fluência, porém com má acentuação, são proferidos os longos discursos, às vezes de várias páginas. Toda a ação da peça é enfadonha e, mesmo com bem executados combates, frequentemente repetidos, não se consegue tolerar até o fim. É continuada nos dias seguintes (POHL, 1976:143).

A constatação de que na Cidade de Goiás as Cavalhadas eram encenadas em outros momentos que não só durante a Festa do Divino, também foi ressaltada por Britto (2015), que encontrou documentos com indicações de que ali as Cavalhadas também eram anteriores à encenação de Pirenópolis.

Vale advertir ainda que em Pirenópolis, as Cavalhadas não possuíam uma constante recorrência anual, conforme informações contidas no Esboço Histórico de Pirenópolis (JAYME, 1971: 610-617). A repetição das encenações a cada ano data de 1971. Na mesma década outro fator precisa ser referenciado: o ano de 1976 que se apresenta como um divisor, por ter ali iniciado o apoio estatal com a GoiásTur, Empresa Goiana de Turismo criada naquele período e que passou a destinar verbas para a realização das Cavalhadas em Pirenópolis.

Interessante destacar que o primeiro trabalho destinado a estudo mais aprofundado sobre as Cavalhadas de Pirenópolis acontece antes da intervenção estatal nesta manifestação cultural pirenopolina. Portanto, para melhor compreender esta que talvez tenha sido uma das alterações mais significativas nas encenações das Cavalhadas pirenopolinas, recomenda-se a obra: “Cavalhadas de Pirenópolis: um estudo sobre representações de cristãos e mouros em Goiás” (BRANDÃO, 1974), que descreve não apenas os aspectos históricos, mas principalmente apresenta uma narrativa que contempla o ritual, inclusive com a descrição das Cavalhadas, recorrendo a texto e esquemas que grafam e esboçam os movimentos dos cavaleiros mouros e cristãos dentro do campo de encenação.

Os espaços para a manifestação das Cavalhadas também foi alterado em Pirenópolis, inicialmente a ocorrência se dava no Largo da Matriz até 1958, no espaço atualmente ocupado pela Casa e Salão Paroquial, Correios e também pela Praça Central. A partir de então a manifestação popular foi transferida para um campo de futebol que passou a ser

conhecido como Campo das Cavalhadas, quando inclusive alterou a denominação da Avenida Benjamin Constant, que popularmente passou a ser designada por Rua do Campo.

Outra mudança espacial ocorreu por ocasião das Cavalhadas em 2005, que foram encenadas no espaço Beira Rio, às margens do Rio das Almas, uma vez que o Campo das Cavalhadas estava passando por alterações devido ao projeto que o pretendia transformar no “Estádio de Múltiplo Uso Arena das Cavalhadas”, popularmente conhecido como Cavahódromo, uma obra inacabada e que impôs alterações significativas à encenação das batalhas entre mouros e cristãos, devido ao afastamento projetado entre os cavaleiros e o público em geral. No ano seguinte a encenação voltou para o local, mesmo em obras.

No transcorrer do tempo, as alterações engendradas por imposição ou por vontade da própria comunidade foram muitas e mantiveram a encenação das Cavalhadas. Dois estudos em especial apresentam as mudanças mais recentes e vislumbram a Festa do Divino, em sua totalidade, como uma festividade ligada ao rural, o que é acentuado pela presença de cavaleiros.

Maia (2002) analisa a comunidade pirenopolina por meio da tradição, que promove ainda redes de organização da festa. Enquanto Spinelli (2009) visa explicitar as Cavalhadas por meio de uma etnografia equestre, descrevendo o cotidiano festivo dos cavaleiros para além do campo em que são personagens de uma das mais importantes manifestações culturais locais.

Na mesma direção estão as contribuições de Silva (2001), que apontam para as mudanças impetradas na Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis, como um todo, desde a romanização até o processo de patrimonialização institucional.

Dois outros momentos foram, em termos de pesquisas, importantes para as Cavalhadas de Pirenópolis. A aplicação do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) em 2008 e o Registro da Festa do Divino Espírito Santo como Patrimônio Cultural do Brasil em 2010. A certidão foi entregue em solenidade durante a abertura das Cavalhadas daquele ano, no Domingo do Divino.

A abertura das Cavalhadas é o desdobramento ápice da encenação, que para ser realizada necessita de vários ensaios que acontecem dias antes, pela manhã e pela tarde. Enquanto os doze cavaleiros mouros e os doze cavaleiros cristãos estão ensaiando, as mães, esposas deles ou mesmo costureiras locais contratadas estão preparando ou restaurando as roupas e ornamentos que eles utilizarão durante as apresentações.

As vestimentas, os adereços pessoais e os adereços destinados aos cavalos estão cada vez mais elaborados e enfeitados, distinguindo-se extremamente dos ornamentos que eram empregados até a década de 1970. Exigindo assim, mais criatividade das costureiras e das bordadeiras, além de caracterizar a necessidade de um maior

orçamento para a confecção das roupas e demais enfeites, uma vez que os cavaleiros “montam cavalos ricamente enfeitados”, conforme já indicam Pereira e Jardim (1978:82).

São três as tardes consecutivas, a partir do Domingo de Pentecostes, em que ocorrem as Cavalhadas de Pirenópolis, sendo que em cada um deles a narrativa é distinta. No domingo o enredo tem início quando o último cavaleiro cristão, denominado cerra-fila, ao fazer reconhecimento do território se depara com uma onça embaixo da única árvore presente no campo. Na verdade a onça é um espião mouro em terras cristãs, por isso é abatida com um tiro, sendo a onça e a árvore retiradas do Campo, para o início das *carreiras*: alegorias a galope feitas pelos cavaleiros. Brandão (1974) descreve a pouca pompa nesta cena de abertura, que muitas vezes pode nem ser percebida pelos presentes, mas que é de fundamental importância, pois é a partir deste ocorrido que acontecem todos os demais desdobramentos das Cavalhadas em Pirenópolis.

Ainda no primeiro dia as *carreiras* são dedicadas ao reconhecimento do campo, diante dos vários diálogos travados inicialmente e que são reproduzidos pelo sistema de som para que o público ouça os debates e entenda um pouco mais o enredo que as falas caracterizam. O fim da primeira tarde é marcado pelo pedido de trégua de um dia, feito pelo rei mouro. Os cavaleiros mouros saem pelo lado da nascente enquanto os cristãos pelo poente.

No segundo dia os embates acirram e culminam com a prisão dos mouros pelos cristãos, daí o Batismo que simboliza a conversão dos muçulmanos ao catolicismo. A partir de então as alegorias passam a ser mescladas, contendo cavaleiros mouros e cristãos, em fila única.

No terceiro dia, mesmo após a conversão, os cavaleiros mouros continuam a se vestirem de vermelho. É o dia dedicado à confraternização caracterizada pela formação dos buquês das flores por cada seis cavaleiros, sendo três mouros e três cristãos. Os quatro buquês são ofertados para pessoas da comunidade. Posteriormente iniciam os jogos de tira-cabeça (máscaras de papel apoiadas em troncos de bananeiras) e de argolinhas (aro de metal bastante fino, dependuradas em um arco); atividades que exigem dos cavaleiros destreza e pontaria.

Para participar como um dos vinte e quatro cavaleiros (doze mouros e doze

cristãos) é necessário: “vontade de participar, boa vontade para ensaiar, saber adestrar cavalos e montar bem” (PEREIRA, 1983:160-1), pois a cada dia é exigido dos cavaleiros habilidades diferentes.

Terminando as encenações no terceiro dia, é hora de limpar e guardar todas as roupas e ornamentos para o ano que vem. É neste momento que alguns cavaleiros, já vislumbrando novas vestimentas e adereços, fazem doações ao acervo do Museu das Cavalhadas, o único no Brasil com esta temática.

Museu das Cavalhadas

Maria Eunice Pereira e Pina nasceu a 16 de junho de 1930, na cidade de Pirenópolis. Morou durante toda a infância e juventude nas proximidades do Rio das Almas e ao se casar, constituiu nova residência na Rua Direita, nº 39.

Foi nesta casa com um imenso quintal que acessa a Rua Nova (logradouro paralelo à Rua Direita), que criou seus filhos, permitindo a eles brincarem tranquilamente por entre as árvores frutíferas que ali cresciam. Uma das brincadeiras deles com os amigos era a representação das Cavalhadas, sendo que os cavalos eram na verdade cabos de vassouras.

A grande influência vinha não só das Cavalhadas que eram encenadas na cidade, mas também pelo fato de que um dos avôs e dois tios teriam participado enquanto cavaleiros, e estes eram vizinhos de Maria Eunice.

Dos filhos de Maria Eunice, Luiz Armando começou a participar das Cavalhadas quando tinha apenas catorze anos de idade. João Luiz aos quinze se tornou cavaleiro. Eram ainda adolescentes, fato hoje não permitido devido ao porte de arma de fogo. Iniciaram enquanto soldados cristãos, mas quando tiveram oportunidade transferiram-se para o castelo mouro, chegando o primeiro a rei e o segundo a embaixador. Os dois mais altos postos na hierarquia dos cavaleiros em uma Cavalhada.

Foram cavaleiros por quase três décadas e durante este período se casaram, mas voltavam para a casa materna durante o período de preparação para as Cavalhadas. Todas as roupas, adereços e demais equipamentos ficavam guardados ali, e nos dias das encenações os cavalos eram preparados nas sombras propiciadas pelas árvores do quintal.

Maria Eunice, não só armazenava as vestimentas e ornamentos em uso, mas as

demais que não eram mais utilizadas. Tinha ainda a preocupação de guardar todos os materiais publicados sobre as Cavalhadas, desde programação da Festa do Divino a notícias de jornais impressos, fotografias, cartazes, reportagens de revistas; pois geralmente seus filhos apareciam, já que eram o rei e embaixador dos mouros.

Inicialmente o *cantinho* das coisas de Cavalhadas, na casa de Maria Eunice, ficava em uma área próxima ao quintal, onde a arriata e algumas outras peças eram acondicionadas. Os demais objetos passaram a ocupar a sala da casa. Ter um acervo de notícias e dois cavaleiros que se aprontavam em sua casa, situada na área central e bem próxima à Igreja da Matriz, fez com que pessoas e principalmente pesquisadores, em especial da UnB em um primeiro momento, passassem a frequentar a residência para buscar maiores informações sobre as Cavalhadas. Foi a partir de demandas como esta que Maria Eunice começou a batalhar para a realização de um grande sonho: “Ter um museu, foi sonho meu” como expõe em versos da poesia “O museu e eu” (In: PINA, 2008).

Pensava em um espaço a ser construído ou adaptado para abrigar o museu que seria destinado às Cavalhadas, mas como as dificuldades persistiam buscou alternativas e continuou colecionando tudo o que os filhos cavaleiros pensavam em dispensar. Guardava ainda os buquês que flores e as argolinhas ofertadas pelos cavaleiros a cada ano. Diante dos obstáculos não esmoreceu, até que em 1992, resolveu que o museu seria mesmo em sua própria residência. Foi quando abriu oficialmente o Museu das Cavalhadas.

Transformou a sala da frente no Museu e o espaço foi destinado a vários eventos culturais, dentre eles o lançamento do livro de poesias que ela escreveu: “Devaneios de uma pirenopolina” (PINA, 1993), com várias poesias dedicadas às Cavalhadas.

Com o tempo e com o aumento de pessoas visitando o Museu das Cavalhadas, este passou a ter significativa representatividade para a comunidade local, foi quando doações de objetos, livros e principalmente de roupas e adereços de outros cavaleiros passaram, junto com todo o material de Maria Eunice, a compor o acervo que vem se ampliando paulatinamente, ao ponto de atualmente ocupar duas salas e dois antigos quartos da residência.

Acervo de imagens e narrativas

O Museu das Cavalhadas possui um rico acervo composto por materiais bibliográficos, objetos, vestimentas de cavaleiros, máscaras, demais objetos utilizados nas Cavalhadas e inúmeras outras peças que possibilitam narrativas diversas sobre o contexto da Festa do Divino Espírito Santo em Pirenópolis, com foco para as Cavalhadas.

São inúmeras as fotografias expostas em porta-retratos ou em quadros dependurados nas paredes, que para o visitante proporciona conhecer um pouco mais sobre as manifestações e para os pirenopolinos identificarem a si ou parentes e conhecidos; é possível ainda se lembrar do ano da festa e a partir de todas estas possibilidades as narrativas se ampliam, constituindo o sentido de ser do Museu.

Destarte, há concordância com Guimarães, que ao estudar a Crônica de 1419, nos afirma que: “narrar é construir uma racionalidade própria para o entendimento de experiências” (2013:169). É neste caminho de estabelecer conhecimentos múltiplos sobre as Cavalhadas de Pirenópolis que o Museu das Cavalhadas se insere, recebendo visitantes e novas informações que se encontram com o acervo existente.

Propomos breves considerações sobre o acervo de imagens e narrativas do Museu das Cavalhadas a partir de uma fotografia que possibilita uma visão geral a partir da porta de entrada do Museu, e que foi tirada durante a coleta de informações e pesquisa para a produção deste artigo.

Figura 1: Sala de entrada Museu das Cavalhadas



Foto: João Guilherme Curado, 2015.

O equipamento utilizado foi uma máquina digital amadora e não houve preocupação em melhor organizar o campo visual. Atentou-se em retratar a realidade cotidiana do Museu das Cavalladas, que de acordo com sua diretora atual, filha de Maria Eunice, seria “um museu aberto de portas fechadas” como ela bem definiu o Museu das Cavalladas que também pode ser categorizado como um “Museu casa” (PINA, 2013), por ser um museu criado em uma residência, que permaneceu ainda com a mesma funcionalidade anterior, mesmo abrigando um museu.

A representatividade da imagem exposta acima nos remete a afirmativa de Wunenburger, para quem: “é possível falar de imaginário de um indivíduo, mas também do de um povo, expresso no conjunto de suas obras e crenças” (2007:7).

O imaginário de Maria Eunice narra a vontade da poetisa em consolidar um museu voltado para as Cavalladas, para isso ela se alicerça inicial e particularmente na trajetória dos filhos que foram cavaleiros por quase três décadas cada um, em períodos quase simultâneos. Vale ressaltar ainda que transforma este devaneio em realidade,

mesmo que para isso tenha diminuído parte de sua privacidade e de sua família ao constituir o “museu casa”.

Para o contexto local a iniciativa foi extremamente bem vista e por isso recebeu auxílios por meio de apoio e de algumas doações para ampliação do acervo. É preciso mencionar, ainda, que na década de 1990, o turismo passa a ser uma atividade com apoio institucional na cidade, o que colabora para incentivar a demanda por novos atrativos, em especial os que se relacionavam com a cultura local, como as Cavalhadas.

Manifestação cultural que ligada à Festa do Divino Espírito Santo remete ainda à Europa Medieval, em que as lutas entre mouros e cristãos possuem destaque por sintetizarem diversas conexões da conjuntura do medievo, sendo que “a época carolíngia não marca apenas o distante e mítico ponto de partida de uma ideia de cruzada ainda por nascer. Constitui antes de tudo um momento privilegiado nas relações entre Igreja e Estado, que condicionaram em grande medida a formação da ideia de ‘guerra santa’” (FLORI, 2013: 37).

Transpondo a perspectiva de guerra para os objetos expostos no Museu das Cavalhadas, a imagem (Figura 1) possibilita a percepção dos grupos antagônicos, mouros e cristãos, por meio das vestimentas e adereços: capas e capacetes utilizados pelos cavaleiros. Se inicialmente o acervo se pautava nos mouros, já que os filhos de Maria Eunice pouco tempo foram cavaleiros cristãos; atualmente, devido às doações dos cavaleiros cristãos, a exposição se mostra mais equilibrada entre as cores vermelho e azul.

Na parte superior da estante, ao fundo da sala, na qual há livros, vídeos, revistas e jornais, estão expostos adereços que remetem às armaduras, utilizadas como peitorais, protetores para braços e pernas, além de capacetes que na versão de encenação das Cavalhadas se apresentam com plumas, visando efeito plástico mais interessante durante as alegorias.

As roupas expostas não são iguais às utilizadas atualmente pelos cavaleiros, são mais simples, com menor ornamentação e mais curtas. As camisas eram mais elaboradas artisticamente, pois eram raras as armaduras nos peitorais e nos braços. As rabeiras, que compõem a ornamentação dos cavalos, eram mais visíveis, mas com o crescer das capas foram cobertas e se tornaram pouco expostas. No Museu das Cavalhadas existe uma rabeira, de cavaleiro cristão, afixada junto à porta de acesso ao

segundo cômodo do “museu casa”.

Nas paredes há ainda inúmeros cartazes da Festa do Divino, quase todos eles tendo as Cavalhadas por temática, o que corrobora com a observação de que a Festa do Divino em Pirenópolis é divulgada pela mídia como sendo as Cavalhadas. Os quadros com fotografias e porta-retratos permitem também perceber a participação, principalmente dos filhos de Maria Eunice no transcorrer de quase três décadas, mostrando igualmente as modificações pelas quais passaram as Cavalhadas, desde os cavaleiros até o espaço de realização.

O Museu das Cavalhadas é um referencial no tocante às imagens sobre esta manifestação cultural que remete aos combates medievais e também das narrativas produzidas sobre esta festa, uma vez que possui parte do acervo organizado por meio de um catálogo. O estoque de informação ficou tão vultoso que um dormitório da casa foi transformado em sala de pesquisa, por onde têm passado quase todos os pesquisadores cuja temática é Pirenópolis, tendo as Cavalhadas ou não como tema central.

Considerações Finais

Indagar sobre ações ocorridas na Idade Média a partir de reflexões sobre o presente foi possível por meio de algumas referências bibliográficas sobre o medievalismo, em especial as que abordam sobre o “Ciclo de Carlos Magno”, quando se faz possível considerar que “numa sociedade em que a cavalaria desempenhava um papel ativo, não havia o menor problema para o recrutamento; bastava sensibilizar os cavaleiros, excitar-lhes o fervor e as ambições para conseguir um exército” (ROUSSET, 1980:15).

Transpondo para a realidade das Cavalhadas em Pirenópolis é verificável que há situações dicotômicas. No passado a ausência de Cavalhadas era explicada pela falta de interesse de pessoas em ser cavaleiros, mas com o advento da popularização e da intensa presença da mídia e dos apoios institucionais, inclusive com verbas destinadas aos cavaleiros, a situação foi alterada e há filas de espera para se tornar um cavaleiro.

Sobre as adaptações de aspectos culturais medievais no Cerrado, é possível afirmar que cada vez há menos elementos de ligação, principalmente após a construção do Cavalcódromo. Sendo o espião mouro em terras cristãs, que é caracterizado como a *onça* da Cavalhada, que permite também maior familiaridade e identificação com a

trama encenada a galopes.

Ainda em relação às imagens e narrativas de uma das representações medievais “quer nós as consideremos a mais tremenda e a mais romântica das aventuras cristãs ou a última das invasões bárbaras, as Cruzadas constituem um fato crucial da história da Idade Média” (RUNCIMAN, 2003:11) e por isso fazem parte do imaginário de grande parte da população, seja por meio de livros ou pelo cinema. Em Pirenópolis este universo pode ser experienciado durante a encenação das Cavalhadas ou de maneira um pouco menos intensa ao visitar o Museu das Cavalhadas, “um museu aberto de portas fechadas”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Cavalhadas de Pirenópolis**: um estudo sobre representações de cristãos e mouros em Goiás. Goiânia: Oriente, 1974. 208p.

BRITTO, Clovis Carvalho. Entre mascarados, mouros e cristãos: por uma memória topográfica das cavalhadas no Campo do João Francisco em Goiás. In: BRITTO, Clovis Carvalho; PRADO, Paulo Brito do; ROSA, Rafael Lino. **Os sentidos da devoção: O Império do Divino na Cidade de Goiás (séculos XIX e XX)**. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2015, p. 177-208.

Catálogo Museu das Cavalhadas: **Acervo bibliográfico e documental**. Cidade de Goiás/Associação Casa de Cora Coralina, 2008. 60p.

FLORI, Jean. **Guerra Santa**: formação da ideia de Cruzada no ocidente cristão. Trad. Ivone Benedetti. Campinas/SP: Ed. UniCamp, 2013. 415p.

GUIMARÃES, Marcella Lopes. A Crônica de 1419: transformação e identidade. In: FERNANDES, Fátima Regina (Coord.). **Identidades e fronteiras no Medieval Ibérico**. Curitiba: Juruá, 2013, p.151-175.

JAYME, Jarbas. **Esboço Histórico de Pirenópolis**. Goiânia: UFG, 1971. 624p.

MAIA, Carlos Eduardo Santos. **Enlaces Geográficos de um Mundo Festivo – Pirenópolis: a tradição cavalheiresca e sua rede organizacional**. 300f. 2002. (Doutorado em Geografia). Rio de Janeiro: PPGG/UFRJ, 2002.

PEREIRA, Niomar de Souza. **Cavalhadas no Brasil**: de cortejo a cavalo a lutas de mouros e cristãos. São Paulo: Escola de Folclore, 1983. 214p.

PEREIRA, Niomar de Souza; JARDIM, Mára Públio de Souza Veiga. **Uma festa religiosa brasileira**: Festa do Divino em Goiás e Pirenópolis. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1987. 125p. (Col. Folclore, 13).

PINA, Célia Fátima de. **Trabalho de Pesquisa**: história da comunidade, Museu das Cavalhadas e Festa do Divino Espírito Santo: Pirenópolis - Goiás – Brasil. Pirenópolis, 2008, 38f. (Trabalho apresentado na III Jornada de Migração e Emigração em Açores).

_____. **Museu das Cavalhadas**: um museu casa. Pirenópolis: UEG, 2013. 47f.

(Graduação em Tecnologia em Gestão de Turismo).

PINA, Maria Eunice Pereira e. **Devaneios de uma pirenopolina**. Goiânia: Kelps, 1993. 189p.

POHL, Johann Emanuel. **Viagem no interior do Brasil**. Trad. Milton Amado e Eugênio Amado. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/USP, 1978. 417p.

ROUSETT, Paul. **História das Cruzadas**. Trad. Roberto Cortes de Lacerda. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980. 259p.

RUNCIMAN, Steven. **História das Cruzadas**. Trad. Cristiana de Assis Serra. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2003. 344p. (Vol. I: a primeira cruzada e a fundação do reino de Jerusalém).

SAINT-HILAIRE, Auguste. **Viagem à província de Goiás**. Trad. Regina Régis Junqueira. Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/USP, 1975. 158p.

SILVA, Mônica Martins da. **A festa do Divino: Romanização, patrimônio e tradição em Pirenópolis (1890-1988)**. Goiânia: Agepel, 2001. 229p.

SPINELLI, Céline. **Cavaleiros de Pirenópolis: etnografia de um rito equestre**. 2009. 212f. (Mestrado em Sociologia). Rio de Janeiro: PPG em Sociologia IFCS/UFRJ, 2009.

WUNENBURGER, Jean-Jacques. **O imaginário**. Trad. Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2007. 103p.